



GÉRONSTÈRE, EM SPA.

Spa, pequena e linda cidade belga, está situada a vinte sete kilometros de Liege, no baxo d'uma collina mattosa, em meio de quatro ribeiros, diante d'um valle limitado por uma cinta de florestas e estevaes. As virtudes tonicas das suas aguas acidulas e ferruginosas deve ella a fundação, o nome (*espa* significa fonte), a celebridade, e a fortuna. Poucos banhos se tomam ali; mas os enfermos vão beber essas aguas ás nascentes que são numerosas, brotando pela maior parte ao alcance de quem quer aproximar-se-lhe; algumas, porém, são particularmente recommendadas, taes como as de Géronstère, Poulhon, etc.

A reputação hygienica de Spa data de longe. Os de Liege, diz Montaigne, admiram-se das vir-

tudes das aguas de Lucca, e os toscanos não fazem menos casodas de Spa.» Actualmente só se vae procurar o repouso e a frescura nos bosques e montanhas d'onde existem as nascentes das aguas de Lucca; mas a confiança na acção salutar das da cidade belga é hoje maior do que nunca.

O doutor veneziano Baccio, no seu Tratado das aguas thermaes, escreve: «Ide a Spa. Chegaes meio morto, e repentinamente vos sentis resuscitar: é um milagre de todos os dias. A pedra; a gotta, cujos ardentes fogos minam e atormentam; a terçã, incommodo hospede; a nevralgia, flagello sem fim; o rheumatismo, que nos curva para a sepultura entr'aberta... tudo ali acha cura! Ide a Spa, ide, e sereis salvos. po-

MARÇO, 6, 1858

VOL. II — 1.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDIOS
OLISIPONENSES

bres enfermos para quem tantos remedios teem sido impotentes!»

Em todos os tempos diversos personagens distinctos—Alexandre Farnese, Carlos II d'Inglaterra, Christina de Dinamarca, Pedro o Grande, Joseph II, o abbade Raynol, Alfieri, Volney, Paulo I, grã-duque da Russia, etc.—foram a Spa procurar lenitivo ás enfermidades de que eram victimas.

Antigamente a fonte de Geronstère saia de sitio mais elevado; mas um tremor de terra, que houve no anno de 1692, fel-a descair para onde hoje se acha.

A acção da sua agua é menos excitante que a de Pouhon, actualmente a mais celebre das aguas de Spa e a unica que se exporta.

VIAGEM AO MINHO. (*)

CAPITULO XVIII.

O somno do justo. — Manhã de rosas. — Mais paiz sem caminhos. — S. Martinho de Sande.

Diz-se que é tranquillo e sereno o somno do justo, e interrompido de maus sonhos, pezadellos, e visões o do perverso. Este paradoxo repete-se ha muitos seculos e ainda se não atreveu ninguem a combatel-o, coisa que não só me parece facil mas até muito justa, e por isso vou investir com elle sem piedade. A humanidade conserva ainda muitos d'estes prejuizos primitivos por simples preguiça de os guerrear e destruir: mas de tempos a tempos apparece um apostolo da verdade, que, declarando guerra ás patranhas, se vota á penosa tarefa de esclarecer os espiritos; o que quer dizer: dar vista aos cegos de entendimento. É isto o que me leva agora a demonstrar, pelo resultado das minhas experiencias e observações, o grande e commum erro de que o perverso tem mau somno, e que o justo dorme bem.

Amigo leitor, tu que sabes perfeitamente se es ou não justo, volta os olhos para o fundo da tua memoria e confessa francamente se todas as tuas noites se passam tranquillias e bem dormidas. Pela minha parte, declaro solemnemente que a minha consciencia está pura, e comtudo raras vezes posso conciliar duas horas de bom somno. Não affirmo, porém, que todos os traficantes durmam socegados; mas está demonstrado até á saciedade, que a maior parte das creaturas boças que Deus atiroi ao mundo terrestre são capazes de levar tres dias e tres noites de uma assentada. Os idiotas, os parvos, os estupidos e toda a immensa e variada familia de animaes que escapou á classificação dos naturalistas, são massas inertes quando adormecem: e

como n'elles não ha espirito nada lhes perturba o repouso. O homem de intelligencia e de acção, o poeta, o artista, o sabio, todos os que pintam, cantam, ou descobrem as harmonias da natureza, para esses não ha socego; se as noites não são todas de vigalias, o somno é interrompido a cada instante por sonhos desvairados. Mesmo adormecidos os revolve em um leito de angustia a imaginação, que é o seu demonio: os olhos, de que foge o somno, procuram comancia a luz do alvorecer para se consolarem com as maravilhas de Deus!

O somno do justo é por consequencia, e incontestavelmente, o patrimonio dos tolos. Para estes se fizeram de certo todas as boas coisas que existem; d'elles é o reino dos ceos; para elles é o somno decorado de poesia; os sonhos ridentes e deleitosos povoados de visões angelicas, as grandezas da terra, as honras, as dignidades, os cargos importantes, os dons da fortuna, tudo enfim pertence a esses bemaventurados! Tudo, menos a intelligencia; e esta só vale tanto, que Deus concedeu o ceo e a terra aos que foram d'ella desherdados! Ora pois, durma bem quem puder e quizer, em quanto eu, que não posso fazel-o, prosigo estes meus grandes e gloriosos trabalhos.

Não sei portanto se devo ou não mostrar satisfação de ter passado a noite quasi sem dormir em casa da minha excellente patroa, a senhora *Mariquinhas do Mirante*. É certo que não dormi, e ainda antes do nascer do sol me levantei e fui abrir uma janella que deita para os campos.

Leitor, se nunca viajaste, se tens olhos capazes de ver e avaliar o que Deus creou cá na terra, faz o mesmo que fez o famoso Yorick partindo para França. Mette seis camisas n'um sacco e parte immediatamente para a Feira Nova; chegando ali pergunta pela casa do mirante, e ainda que n'ella te neguem a hospitalidade, insiste, grita, chora, pede pelo amor de Deus que te deixem ficar uma só noite no quarto onde eu dormi. Aos corações d'aquella familia não se implora debalde; tenho a certeza de que te concedem o que pedires. Entra pois no quarto, corre á janella apenas amanhecer, e se não ficares suspenso, arrebatado com o sublime espectáculo que avistares, amarra uma pedra ao pescoço e vae lançar-te ao rio. Não tens nada mais sensato a fazer faltando-te o sexto sentido — o do bello — salvo se tu és dos que dormem o somno do justo.

Estive mais de duas horas embebido na contemplação do maravilhoso quadro que a Providencia collocara diante de meus olhos n'aquella *manhã de rosas*. As seis horas começou o sol a erguer-se do meio dos arvoredos; por baixo da janella havia um jardimzinho cultivado pelas duas filhas mais novas da minha hospeda. Ali se viam em pequenos canteiros todas as singelas flores que se criam em nossas provincias do norte. As maravilhas erguiam-

(*) Esta viagem é continuada do numero 33 d'esta publicação no vol. v — 3.ª serie. Causas estranhas á voz do autor deram logar a interromper-se por tanto tempo a publicação que agora seguirá sem nova falta até á conclusão.

se festivamente por toda a parte; os cravos, as rosas, os malmequeres, os goivos singelos e dobrados cresciam cercados de alecrim, de mangerona, e de duas outras plantas odoríferas que só no Minho tenho visto, e a uma d'ellas se dá o nome de serpão e á outra o de jacintho (*). Uma seve de vimes servia de barreira ao formoso edenzinho. Quando eu ia para me retirar da janella appareceram as duas meninas a regar as suas queridas flores que embalsamavam o ar. Pedi-lhes um ramallete que logo vieram trazer-me, e que, apesar de ser todo feito com as vulgares flores que já mencionei, me pareceu então formosissimo. É porque aquellas creanças, aquelle jardinzinho, e aquelle ramo de flores simples me trouxeram á memoria os dias da minha infancia, a minha aldêa, os meus campos, e as minhas queridas maravilhas plantadas por minha mãe. . .

Almoçámos como dois principes (eu e o meu companheiro), ou antes como quatro principes, porque comemos muito attendendo ao inesperado banquete com que nos surprehendeu a mais nobre e a mais generosa hospitalidade, e depois de almoço montámos a cavallo e seguimos pela serra para S. Martinho de Sande.

Da Feira Nova para leste o caminho torna-se ainda mais escabroso, e em partes perdem-se completamente os vestigios d'elle. Todo o paiz até S. Martinho apresenta um aspecto inculto e quasi selvagem. Proximo a esta ultima povoação a natureza torna-se de novo risonha; os campos estão semeados até ás abas da serra; o canto alegre dos guardadores de gado resôa nos ares, e do meio dos tufos de sobreiras e carvalhos saltam a cada passo rebanhos de ovelhas, vigiadas de longe por um pastorinho, e de perto por um enorme cão de fila, que as segue, e reúne ao rebanho alguma que d'elle se aparta. Desce-mos por uma pedreira encaminhando-nos para um casal, que se avista ao longe, afim de perguntarmos a direcção que deviamos seguir, porque não havia nenhum indicio de estrada; mas chegando proximo á casa encontrámos um atalho, e por elle guiámos os cavallos.

O atalho conduziu-nos á povoação. Atravessámos um riosinho que corre por baixo de uma grande ramada, e entrámos na terra que vira nascer o meu companheiro de viagem.

S. Martinho de Sande é um dos mais pittorescos logares que se encontram proximos á margem do norte do Douro. Todas, ou quasi todas as suas casas são assombreadas por formosas arvores fructíferas. Ha ali muitos pomares, e olivedos, ainda que tudo em ponto pequeno; e para a banda do nordeste se estende um formoso pinhal d'onde se gosa a vista de uma extensa varzea, que não tem inveja á fresca varzea de Collares. A povoação não é rica, mas não é tambem das mais pobres que por estes sitios se encontram; qua-

si todos os habitantes teem o seu camposinho que cultivam, auxiliados uns pelos outros, e d'elle tiram para as suas subsistencias durante o anno. Vive aqui uma familia nobre, que é muito querida por todos, em consequencia dos beneficios que faz á gente mais necessitada. Esta familia possui uma linda quinta e um excellente pomar de laranja mesmo a borda da ribeira, onde se respira o mais puro ar da provincia e se gosa deliciosamente o frescor das bellas tardes e manhãs do outono.

O dia em que chegámos a S. Martinho era um sabbado, e no domingo pela manhã fomos ouvir missa á egreja onde vi uma notavel scena. O padre que dizia a missa, momentos depois de erguer a hostia, voltou-se para o corpo da egreja, encarou comigo e com o meu camarada, e proferiu as seguintes palavras em tom ameaçador: « Vocês não teem vindo á doutrina? não « querem aprender? pois eu bem lh'o tenho dito! « — em chegando a quaresma não admitto obser- « vações e arranco as orelhas aos que não sou- « berem. » — Eu e o M. olhámos aterrados um para o outro, porque o reverendo orador quando fallava fitava-nos de tal modo que parecia dirigir-se a nós. O M. queria rir-se, porem eu, que conheço o que é e o que pode em varios pontos do reino o fanatismo religioso, apesar de me parecer incrível que o padre fallasse conosco, confesso que não soceguei senão quando ao voltar instinctivamente a cabeça vi atraz de nós um bando de rapazes, com as faces e as orelhas rubras de vergonha, e denunciando assim que a elles se destinara o temeroso correctivo.

O encontro do M. com seu pae, do qual tinha vivido separado doze annos, foi um espectáculo pathetico e interessante. M. é um excellente rapaz, muito afeiçoado aos seus parentes, e dotado largamente com o sentimento (raro hoje!) do amor da terra natal; e por isso não esteve com ceremonias; apenas viu o autor de seus dias lançou-se-lhe nos braços e deixou correr as lagrimas como a maior e melhor expressão para manifestar o seu amor filial. O bom velho não achou tambem outro meio para agradecer ao filho que de tão longe, e vencendo tantos trabalhos e perigos, vinha vê-lo e abraçal-o. Choraram sem dizer uma palavra, e eu que os entendia e avaliava o seu silencio chorei tambem.

A noticia de ter chegado a S. Martinho de Sande um *brazileiro rico* espalhou-se logo na terra, e os parentes, os amigos, e os conhecidos da familia vieram festejar o meu camarada, felicitando-o pela sua vinda e pela *fortuna* immensa que lhe suppunham. Os primeiros que chegaram, vendo-me na companhia de M., alcunharam-me tambem de *brazileiro*, e denunciaram-me aos outros como riquissimo, por causa de umas malditas botas á *escudeiro*, que eu tinha calçadas, e ás quaes a caprichosa phantasia do meu sapateiro tinha dotado de uns canos encarnados que me davam o aspecto de um director

(*) A planta conhecida no Minho pelo nome de jacintho nada tem de commum com a flor do mesmo nome, a que se chama tambem lilio azul.

de circo equestre. Estas botas, que mais de uma vez me fizeram indignar contra o seu autor, tornaram-me comtudo popular entre os povos d'aquelles concelhos, que para me distinguirem do M. denominavam-me: *O das botas vermelhas*. (*)

No dia da nossa chegada, logo depois do crepusculo, os *cantadores* da terra vieram dar-nos uma *serenata*, naturalmente com o fim de provarem a grandeza do nosso animo, e a qualidade do vinho que se vendia a dois passos da nossa porta. Dois alentados rapazes vinham na frente do rancho musical, tangendo em suas violas a caula minhota; seguia-se um *cantador*, que era o encarregado de improvisar cantando; apoz este vinham mais dois tocando rebecas; e atraz d'eiles outro cantador respondendo ao primeiro; seguia-se depois um que tocava um pequeno tambor; e todos os instrumentos se concertavam muito bem uns com os outros, assim como ás vozes dos cantadores. O prestito fechava-se por quatro homens armados com grandes varapaus, que eram como o regimento a que pertencia aquella banda de musica. Nesta ordem chegaram e pararam em frente da casa do M., continuando a cantar e a tocar até que nos assomamos a janella. Apenas elles nos avistaram, mudaram repentinamente de toada, e os cantadores nos cantaram em estylo de Riba-Douro varias cantigas que improvisavam, ou traziam já estudadas, e das quaes transcrevo duas de que tomei nota.

Embora venhaes aqui,
O senhores brazileiros
Se esta é a vossa terra
Vos não sois ca estrangeiros.

O brio de quem ca volta
A terra de S. Martinho
E' mostrar aos que cá vivem
O gosto que tem o vinho.

Era o que elles queriam. A primeira emissão que nós fizemos foi de meio almude, repartido por tres enormes infusas de barro vidrado. Similhante procedimento captivou-nos immediatamente a admiração e entusiasmo de musicos, cantores, e homens de varapau. Começaram a concorrer ao ajuntamento philarmonico mais alguns habitantes; duas raparigas visinhas lembraram-me que pedisse aos bebedores que dançassem, e eu não me fiz rogar porque adoró as danças e costumes do Minho e Douro. Havia porém uma difficuldade que era o não haver casa propria para a dança. « Vamos ao *Joaquim da Tenda*; se os senhores brazileiros lhe pedirem, elle deixa dançar na sala grande. » Palavras não eram ditas, eu que parto a correr e vou pedir ao Joaquim da Tenda a sua *sala de baile*, que elle concede no mesmo instante. As duas

visinhas, sabendo que se tratava de dançar a chula, em regra, pedem-me que lhes sirva de empenho para com a avó, afim de as deixar ir tambem; e eu vou pedir á avó, como tinha pedido ao Joaquim da Tenda, sem que um nem outro me tivesse visto jámais (nem de certo me tornam a ver!) A boa da velha tinha a sua moral e resistia; porém eu resolvi a questão, convidando-a a acompanhar-nos tambem, e ella, que ainda gostava da sua pinga, não hesitou mais. Marchámos, pois, e a nossa entrada na sala de dança foi assignalada por uma nova emissão de meio almude de vinho. Começou o baile, baile rasgado, brilhante, sem rival nos annaes de S. Martinho de Sande, que viverá eterno na memoria dos felizes habitantes que assistiram a elle, e o citarão como uma data historica! Dançou-se a *chula*, a *cana-verde*, a *desgarrada*, a *sirandinha*, e quantas modas ou toadas se usam entre Douro e Minho. Dançarinas eram somente quatro, porém os dançarinos abundavam; a dança mais querida de todos elles, e certamente a mais engraçada e popular da provincia, é a *chula*. Era por isso a que mais vezes se repetia, sempre com applauso meu e do M., e cada vez com maior phrenesi da parte dos dançadores. A' uma hora da noite entraram pela terceira vez os cangirões de vinho, e os bem-aventurados a quem elles se destinavam confessaram que já não podiam beber mais sem comer. O tendeiro foi intimado a pôr á discreção todo o seu material alimenticio. Pão, manteiga, presunto, bacalhau cru, tudo se consumiu n'um instante e o baile continuou. A noite esfriou excessivamente pelas duas horas, e como o espectáculo me tinha já saturado propuz ao M. que operassemos a retirada; as pernas dos dançadores começavam a vacillar a este tempo, mas a furia dançante não diminuia. Chamámos de parte o tendeiro e pedimos-lhe que tratasse de suspender o divertimento, propondo o despejo da sala a pretexto de se ir deitar, porém nem musicos nem dançarinos quizeram sair, e pediram mais vinho em altos brados. Tinham bebido perto de dois almudes, e ainda queriam mais! verdade é que já não eram elles quem dançava — era o vinho.

E como o vinho não dança coisa que se veja, declarámos solemnemente ao senhor Joaquim, que não pagavamos nem mais um chavo de tudo quanto consumissem aquelles devoristas. Esta declaração, dando ao taberneiro a triste certeza de que não vendia mais vinho aquella noite, endureceu-lhe de tal modo o coração que elle começou a pôr todos na rua sem cerimonia e sem piedade. Cantores e instrumentistas seguiram como poderam o caminho de suas casas, repletos de vinho e de sympathias por todos os viajantes; e foi assim que eu e o meu amigo M. adquirimos o respeito e veneração d'aquella boa gente, pagando-lhe vinte e duas canadas de vinho.

(*) É sabido que no Minho e em varios sitios do Douro a gente dos campos substitue geralmente o B pelo V o vice-versa.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

DESDE O REINADO DE HUGO CAPETO, CHEFE DOS REIS DA TERCEIRA RAÇA, ATÉ AO DE S. LUIZ.

I

Continuação.

Filippe II, Augusto.

1181—Filippe fôra coroado alguns mezes antes da morte de seu pae. Não tinha mais de quinze annos quando começou a reinar, so; mas a sua mocidade não foi como a da maior parte dos principes: evitou os prazeres, e a sua coragem foi por isso maior. O rei d'Inglaterra parecia querer aproveitar a sua menoridade para invadir-lhe uma parte dos estados. Filippe, marchando contra elle, obrigou-o, com as armas na mão, a ratificar os antigos tractados entre ambos os reinos.

Terminada a guerra, o povo gosou os fructos da paz. Filippe reprimiu as extorsões dos grandes, expulsou os comediantes, decretou penas contra os blasphemos, mandou calçar as ruas e praças publicas de Paris, e juntou a esta capital parte das aldêas que a cercavam. Paris foi rodeada de muralhas e torres. Os habitantes das outras cidades tomaram brios e fortificaram e embellezaram tambem as suas.

Os judeus commettiam havia muito tempo em França velhacadas horriveis: o monarcha expulsou-os do reino, e declarou os seus vassallos livres das obrigações contrahidas com elles; acção que pareceu injusta e contraria ao direito natural.

1184. A tranquillidade da França foi perturbada por desavenças com o conde de Flandres, que foram felizmente terminadas pela sabedoria do principe. Alguns tempos depois, declarou guerra a Henrique II, rei d'Inglaterra, a quem tomou as cidades d'Issoudun, Tours, Mans, e outras praças.

1189. O furor epidemico das cruzadas agitava então a Europa. Filippe foi atacado, como todos os outros principes. Embarcou com Ricardo I, rei d'Inglaterra, para socorrer os christãos da Palestina, opprimidos por Saladino. Os dois monarchas foram cercar Acre. Quasi todos os christãos do oriente se tinham reunido em frente d'esta importante praça: Saladino achava-se embaraçado junto do Euphrates com a guerra civil. Quando os reis europeus juntaram as suas forças ás dos christãos da Asia, contavam-se mais de trezentos mil combatentes. Acre rendeu-se; mas a discordia, que devia necessariamente dividir dois rivaes em gloria e interesses, taes como Filippe e Ricardo, fez mais mal do que esta multidão de guerreiros fez de proesas. O monarcha francez, cansado de taes divisões, e do ascendente que Ricardo, seu vassallo, tomava em tudo, voltou para a sua patria,

que não devera talvez ter abandonado, mas que, a fazel-o, deveria tornar a ver com mais gloria.

1194. Filippe, para consolar-se do mau exito da cruzada, cuidou em alargar o imperio. Obrigou Balduino VIII, conde de Flandres, a ceder-lhe o condado d'Artois. Depois, voltando as armas contra Ricardo, seu rival, tomou-lhe Evreux e o Vexin. Entretanto as consequencias d'esta guerra não foram felizes. O monarcha francez, repellido de Rouen com perda, fez uma tregua de seis mezes, durante a qual casou com *Ingelburge*, princeza de Dinamarca, de formosura e virtude eguaes. Mas a reputação d'esta mulher, que elle deixou para desposar Ignez, princeza de Merania, malquistou-o com a còrte de Roma. O papa fulminou-o com a sentença d'excommunição, que só foi levantada depois da promessa que fez de tornar a ligar-se á sua antiga esposa.

1203. João-sem-terra succedeu na corôa d'Inglaterra, em prejuizo do seu sobrinho Artus, a quem de direito pertencia. Este, apoiado por Filippe, armou-se contra o tio. João derrotou-o no Poitou, e, aprisionando-o, matou-o. O homicida, citado perante o tribunal dos pares de França, não compareceu: foi declarado criminoso do assassinio de seu sobrinho e condemnado a morte. Os dominios que possuia, situados em França, foram confiscados em favor do rei. Filippe começou em breve a colher os fructos do crime do seu vassallo. Tomou a Guienna, o Poitou, o Maine, a Touraine, o Anjou, e a Normandia, reunindo-as á corôa, de que tinham sido separadas trezentos annos antes. Para cumulo de felicidade, João, seu inimigo, malquistara-se com a còrte de Roma. Innocencio III acabava de excommungal-o, e transferira para a França, em herança perpetua, o reino d'Inglaterra. Filippe, excommungado outr'ora pelos papas, declarara as censuras de Roma insolentes e abusivas; pensou porém differentemente quando se viu executor da bulla que lhe adjudicava a Inglaterra.

1214. Para dar mais força á sentença de Roma, Filippe fez construir mil setecentos navios, e poz em serviço o mais bello exercito que se viu em França. A Europa esperava uma batalha decisiva entre ambos os reis, quando o papa escarneceu dos dois, e apossou-se desgramente do que tinha sido dado ao principe francez. Um legado da santa sede persuadiu a João-sem-Terra que desse a sua corôa á còrte de Roma, que a recebeu com entusiasmo. Então o pontifice prohibiu a Filippe tentar qualquer coisa contra Inglaterra, tornada feudo da Igreja romana, e contra João que estava sob sua protecção.

Entretanto os armamentos que Filippe fizera tinham assustado as potencias visinhas. Todas se alliaram contra tão formidavel inimigo: reuniram-se a Alemanha, a Flandres, e muitos outros estados. O monarcha francez não descoroçoou: a fortuna e o valor desfizeram estes numerosos adversarios. A sua coragem brilhou, principalmente na batalha de Bouvines, que durou desde

o meio dia até á noite. O exercito dos confederados tinha cento e cinquenta mil combatentes; o de Philippe era de metade, mas compunha-se da flor da nobreza. O principe correu grande risco de vida; foi derribado, pisado aos pés dos cavallos, e ferido na garganta. Morreram trinta mil alemães. É verdade que esta memoravel victoria não augmentou os dominios do vencedor, mas accrescentou-lhe muito a autoridade sobre os vassallos, o que valia bem as conquistas.

1216. Philippe, vencedor da Alemanha, possuidor de quasi todos os estados dos inglezes em França, foi chamado ao reino d'Inglaterra pelos subditos do rei João, cansados da dominação tyrannica d'este monarcha. O rei de França mostrou-se grande politico: induziu os inglezes a pedir seu filho, Luiz, para rei; mas como queria ao mesmo tempo contemporisar com o papa e não perder a corôa d'Inglaterra, tomou a resolução d'ajudar o principe seu filho, sem parecer que era elle que operava. Luiz desembarcou em Inglaterra; foi coroado em Londres, e excommungado em Roma. Porém este anathema não mudou a triste sorte de João, que morreu de dôr. A sua morte extinguiu o resentimento dos inglezes, que, tendo-se declarado por Henrique III, seu filho, obrigaram Luiz a sair d'Inglaterra.

1223. Philippe Augusto morreu na idade de cinquenta e nove annos. De todos os reis da terceira raça, foi elle quem adquiriu mais terreno para a corôa, e mais poder para os reis seus successores. Depois de ter abatido João-sem-terra, humilhou os nobres; e pela ruina dos poderes exteriores e interiores, destruiu o contrapeso que equilibrava a sua autoridade no reino. Este principe foi mais que conquistador, foi grande rei, bom politico, magnifico em todas as acções publicas, economico no particular, exacto em fazer justiça, sabendo empregar simultaneamente caricias e ameaças, recompensas e castigos; zeloso pela religião, e sempre prompto a defender a Igreja e a soccorrer os indigentes. As suas empresas foram quasi sempre felizes, porque meditava os projectos com vagar e executava-os com rapidez. Exprobraram-lhe ter commettido alguns erros á frente dos exercitos, mas poucos fez no conselho. Começou por fazer os francezes felizes; acabou fazendo-os temidos; e, ainda que mais propenso á colera do que á affabilidade, e mais dado a punir que a perdoar, foi chorado pelos subditos como um poderoso genio, e como o pae da patria.

Luiz VIII, Coração de Leão.

1224. Luiz, a quem o seu valor fez appellidar *Coração de Leão*, foi o primeiro rei da terceira raça que deixou de ser sagrado em vida de seu pae. Henrique III, rei d'Inglaterra, em vez de se achar á sua sagração, como lhe cumpria, mandou-lhe pedir a restituição da Normandia. Mas o novo rei, longe de lh'a entregar, marchou com

um numeroso exercito, resolvido a expulsar os inglezes de todas as terras que ainda possuiam em França. Tomou-lhes Niort, Saint-Jean-d'Angeli, o Limosin, o Périgord, o Aunis, e muitas outras terras: não restava a submeter senão a Gascogne e Bordeaux, quando o joven conquistador se empenhou na guerra contra os albigenes, hereges do paiz d'Albi. Sitiou Avignon, a pedido do papa Honorio III, e tomou esta cidade em 1226. A doença atacou-lhe depois as tropas; elle proprio o foi, e terminou a sua carreira na idade de trinta e nove annos. O valor, a castidade e as virtudes tornaram immortal o seu nome.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA TERCEIRA RAÇA.

Outr'ora, ninguem tinha senão o nome proprio. Imaginou-se no tempo da segunda raça, e principalmente no começo da terceira, ajuntar-lhe algum epitheto tirado da dignidade ou da força, da côr ou de qualquer qualidade pessoal. D'ahi os nomes de Roberto *o Forte*, Hugo *o Branco*, Hugo *Capeto*, Luiz *o Gordo*, etc. Desde então o sobrenome tornou-se geralmente de moda. Os nobres tiraram-no dos seus feudos ou senhorios; os burguezes, ou do logar do seu nascimento, como *o Picardo*, *o Normando*; ou da profissão que exerciam, *o Carpinteiro*, *o Moleiro*; ou de algum ridiculo, ou emfim de algum defeito natural, *o Chato*, *o Corcunda*, etc.

Remonta a este seculo a dignidade de par. O nome de *par* era conhecido desde muito tempo: cada classe tinha por juizes os seus *pares*. Este titulo tornou-se uma dignidade, depois da usurpação dos feudos. No tempo de Hugo Capeto, havia sete pares seculares, cujos feudos derivavam immediatamente da corôa. Os barões tinham tambem os seus pares; mas não se pode julgar que os tivessem ecclesiasticos como o rei.

No tempo de Roberto, era moda, entre as damas de distincção usar-se pequenas bengalas, cujo castão, de ordinario, era ornado com a figura d'algum passaro.

Hugo Capeto e seu filho Roberto estabeleceram, a exemplo de Clovis, a sua residencia em Paris, que cessara de o ser durante toda a segunda raça.

Hugo fez do seu palacio uma igreja chamada S. Bartholomeu. O sello d'este principe foi o primeiro onde se vê a chamada *mão de justiça*; pendia-lhe da mão direita, e um globo da outra; tinha sobre a cabeça uma corôa floreada; os cabellos curtos, e a barba longa e fendida.

Roberto não possuia propriamente senão os ducados de França e de Borgonha. As rendas da corôa consistiam no producto de diferentes terras, bem como no da guerra, o censo, os direitos de entrada e saida, a moeda, o direito de poisada e as taxas dos judeus.

Deve observar-se que a corôa, sempre here-

ditaria na familia real, era electiva quanto aos principes que a compunham. Tendo os seis primeiros reis Capetos feito sagrar em sua vida os primogenitos, tornou-se esta ordem de successão lei fundamental do estado, de que nunca mais se afastaram.

Data do reinado de Philippe I, e do tempo da primeira cruzada, a invenção dos brazões d'armas. Era preciso a esta multidão de nobres fazer conhecer dos seus vassallos as respectivas bandeiras; e, como estavam todos cobertos de ferro, tinham necessidade de se distinguir por algum emblema. Cada qual o poz em suas armas; conservaram estes symbolos, que serviam tambem de distinctivo nos torneios, e cuja moda se estabeleceu geralmente como titulos de honra.

No reinado de Luiz o Gordo, os francezes usavam vestidos que arrastavam, unidos ao corpo, com mangas largas que cobriam as mãos. Os seus sapatos, chamados *pijace*, terminavam em bicos compridos, ora direitos, ora curvos. Esta moda, inventada por Foulques o Pensativo, conde d'Anjou, durou até Carlos V. Foi tambem n'este tempo que todos os christãos, principes e vassallos, foram obrigados a rapar-se, e abandonar o uso dos cabellos compridos, contra o qual muitos bispos, fundados equivocadamente em S. Paulo, se levantaram até o tratar de peccado contra a natureza. Os que recusavam conformar-se com esta ordenança, eram excommungados, e privados da sepultura.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTÓRIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 3.

Continuação. *

D. Affonso, *terceiro* de *tres* soberanos que se seguiram a outros *tres* do mesmo nome todos, em Castella, dá a Henrique, vindo do *terceiro* reino, a contar da cabeça da Europa, como se segue, *tres* coisas: o titulo de conde, *terceiro* na ordem das fidalguias; por dote, as terras de quasi *tres* provincias; permissão, finalmente, de fazer aos moiros novas conquistas.

E para mais signal d'amor profundo
Quiz o rei Castelhana que casado
Com Thereza sua filha o conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

Tres nobres senhores, D. Henrique, D. Raymundo, conde de Borgonha, D. Raymundo conde de Tolosa, vieram à Hespanha convidados

por Affonso VI (duas vezes *tres*) para a tomada de Toledo sobre o Tejo, *terceiro* rio consideravel, na ordem geographica da Peninsula. D. Henrique chegando a ser senhor de Portugal, fez sua residencia junto ao *terceiro* de *tres* rios centraes e parallellos da sua principal provincia, chamados Ave, Cabado, e Lima. Trata-se do que se escreve com *tres* lettras.

Falleceu o conde D. Henrique em Astorga, situada junto ao rio Tuerto, tendo ido ali em auxilio de D. Urraca, no anno de 1112, ou 1114; data que se escreve com *tres* algarismos eguaes, e tem menos ou mais um que *tres* annos. Foi sepultado em Braga sita ao pé do rio Cabado, e com estas *tres* syllabas, formadas com as primeiras *tres* consoantes do alphabeto, ficou para elle acabado tudo; deixando assim *tres* cidades, e *tres* rios memorados: Guimarães, sua cõrte; Astorga, seu leito de morte; Braga, seu mausoleo.

D. Affonso primeiro, seu successor, casa suas *tres* filhas: D. Mafalda, com D. Affonso, segundo rei de Aragão; D. Urraca, com D. Fernando, rei de Leão; D. Thereza, com D. Philippe, conde de Flandres. Todas ellas com *tres* syllabas nos seus nomes, bem como seus maridos, que tem todos por primeira consoante um F, junto por ordem as vogaes *a e i*.

A D. Affonso I succedeu D. Sancho I:

Sancho, forte mancebo que ficara
Imitando seu pae na valentia
E que em sua vida já se experimentara
Quando o Betis de sangue se tingia.

Obidos, Celorico, Coimbra, são as *tres* praças que permaneceram fieis a Sancho II, depois da sua deposição pelo papa, e sua retirada aos estados de D. Fernando de Castella, tendo-lhe Raymundo Portocarrero prendido a rainha, de quem nunca mais se soube.

Affonso III foi aclamado no anno de sua idade, que precedeu o 39.^o *Tres* factos poremos aqui do seu reinado: *confirma* Martim de Freitas na alcaidaria de Coimbra; *combate* os moiros no Algarve, onde passa á espada a guarnição de Loulé; procurando o divorcio da esposa, ajusta seu *casamento* com D. Beatriz, filha do rei de Castella que contava então apenas *tres* vezes *tres* annos. Elle tinha 43.

D'entre as fundações de D. Diniz citaremos estas *tres*: a ordem de Christo; a universidade de Coimbra que primeiro esteve em Lisboa: o convento de Odivellas, onde, de sua vida, mandou edificar um tumulo magnifico.

O successor de D. Diniz, o Affonso que se seguiu ao *terceiro* era pae de D. Pedro I o Cru.

De *tres* monarchas diversos em nome, mas todos primeiros, e herdeiros successivos d'este Affonso, D. Pedro seu filho foi o primeiro. O *Infausto Caso* (I. C) de Ignez de Castro (I terceira vogal: C, terceira letra do alphabeto) trouxe-lhe o epitheto de *crú* escripto com *tres*

(*) Do num. 36, do vol. antecedente.

letras que parece estão dizendo, *Castro, rainha, ululando* — e

O caso triste, e digno de memoria
Que do sepulchro os homens desenterra
Aconteceu da *Misera* e *Mesquinha*
Que depois de *Morta* foi rainha.

Misera, Mesquinha, Morta, em *Coimbra* no *Convento de Santa Clara*. *Coimbra*, terceira cidade das mais importantes do reino, e capital da terceira provincia do mesmo. Succedeu sua morte depois (1344) do terceiro anno que se seguiu a 3 vezes 3, accrescentados ao de 1333, sendo perpetrada por tres assassinos: *Alvão Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco, e Pedro Coelho*; dos quaes só escapou á punição, o que tinha tres nomes. *D. Ignez* deixou a seu marido, amador de terceira mulher, tres filhos: *D. João, D. Diniz, e D. Beatriz*. *D. João* casou em segundas nupcias com *D. Constança*, irmã bastarda do rei de *Castella*, a qual lhe trouxe em dote, o condado de *Valença*, e tres filhas. Tambem se chamou *Constança* a primeira esposa de *D. Pedro*, mãe de *D. Fernando* successor do throno. *D. Thereza Lourenço*, com quem *D. Pedro* não era casado, foi mãe do *Mestre de Aviz* que lhe succedeu por morte de seu irmão natural *D. Fernando*.

Tambem pelo numero 3 se prende a este caso o rio *Mondego*, terceiro dos grandes, limitrophes da provincia.

As filhas do *Mondego* a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram que inda dura,
Dos amores d'Ignez, que ali passaram,
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.
Continua.

CHRONICAS MONASTICAS

DA COMPANHIA DE JESUS

III

Casa de S. Roque.

Continuação.

Com a extincção da *Companhia de Jesus* passou o edificio de *S. Roque* a ser casa de misericórdia, e de expostos.

Antes, porém, de seguirmos a sua historia desde que a infancia abandonada ali se recolhe e alberga; antes de fallarmos da actual administração d'este benefico estabelecimento, merecedora eternamente da gratidão dos amigos da humanidade, e das benções dos infelizes que ali bebem de estranhas o primeiro leite que mães deshumanas, talvez, lhes recusam, quando não

é a vergonha da culpa que não hesitaram commetter a que as levou a um tão barbaro acto, seja-nos permittido render n'estas paginas o merecido tributo de veneração áquelle que a piedade christã elevou aos altares.

As instituições d'esta natureza tiveram por seu instituidor a *S. Vicente de Paula*. Que era para o piedoso varão correr todas as noites as ruas de *Paris* em busca das innocentes creaturinhas que uma desalmada mãe expunha aos asares da sorte, á intemperie das estações, a serem pisadas pelos transeuntes, ou devoradas pelos cães! Aquella alma compassiva, no horror que lhe dilacerava o coração por tanta devassidão, e tamanha torpeza, sentia expandir-se de consolação ao encontrar ainda vivo um d'aquelles pequeninos entes, para quem a vida estava prestes a extinguir-se n'um sopro, ao qual reanimava encostando-o ao seio, e cobrindo-o com o pobre manto que lhe pendia dos hombros. Era um cidadão que arrancava á morte para o entregar ao estado: era uma creatura que fazia crear para Deus regenerando-a com a agua do baptismo; e por isso tão duplicadas alegrias sentia, que para a sua caridade ardente ainda eram poucos os que acolhia cada noite, inculcando-se a si proprio de que por menos cuidadoso ainda deixasse, sem o saber, algum abandonado. Se a infeliz victima da seducção e do crime já estava morta, nem por isso menos cuidado lhe merecia. Era inutil o interesse em chamal-o á vida, mas era grande o desejo de lhe fazer dar sepultura, não só para que os animas esfaimados não profanassem aquelle corpo que podia ser de um anjo, mas tambem para arredar dos olhos da população laboriosa, que no dia seguinte se ergueria cedo para seus trabalhos, um tão cruel como doloroso espectáculo.

Assim, a vivos e a mortos chegava o santo ardor d'aquelle piedoso christão. Virtude immensa, como emanação directa de Deus não pôde nunca ser alcançada pelas exalações pestíferas da terra, que se viu subjugada por tamanha caridade, e lhe votou merecidos altares, se bem que mesquinhos em comparação do throno que o Eterno lhe concedeu na sua immortal estancia.

O exemplo propagou-se. O que a piedade de um pobre *Vicente de Paula* fizera unicamente a impulsos do amor em Deus, fizeram-no depois os proprios governos para oppôr um dique aos infanticidios que diariamente testemunhavam o vicio d'uma sociedade dissoluta. Aperfeioou-se a instituição com o andar dos tempos; concorreram para ella as esmolas e legados particulares; o estado dotou com rendimentos os edificios destinados a obra tão meritoria, e como se a benção do santo fizesse medrar estes sagrados asylos, por toda a parte se instituiram, e em toda a parte tem florecido, com estimulos dignos do que primeiro deu tal exemplo.

Portugal foi um dos primeiros em segui-lo.
Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.